

## SENTIDOS E SUBJETIVIDADE: POR UMA ÉTICA DA INTERPRETAÇÃO

Márcia Atália Pietroluongo

Poucos movimentos do humano têm despertado tão profundamente minha perplexidade e meu encantamento quanto aquele momento sutil, pleno e sempre mágico em que uma palavra irrompe, tornando-se gesto. Movimento no qual a palavra — arredia, adomesticada, sem aparas — consegue descoser seu silêncio, o simulacro em que se encontra, as vicissitudes de seu vir-a-ser, afirmando um lugar para o sujeito. Fazendo, por um instante, coincidir o dessemelhante. Criando laço. Estabelecendo compromisso.

Este jato inseminatório de uma voz que jorra e que — por este impulso mesmo — funda, deixa constitutivamente em seu rastro um vácuo, um incômodo, uma demanda. Toda palavra-grávida carrega a premência e a preeminência do vazio em sua compleição.

Duro é o advento da palavra no homem, dura é a sua intermitência, dura a sua vacância. Contudo (ou com quase nada), esta é a ordem significante que instaura o sujeito em sua errância, por ser uma das únicas margens suscetíveis de implicá-lo num gesto que engaje seu querer, seu saber e seu poder.

Poucas palavras mobilizaram tanto meu não-saber e meu não-poder quanto aquela com que, repetidas vezes, fui afetuosamente recebida no Tempo<sup>1</sup>. *A tradutora chegou*. E a frase em mim ressoava ininterruptamente assustadora. *A tradutora chegou. A tradutora chegou. A tradutora chegou...*

Confesso que ao me ouvir, assim nomeada, era tomada por um quase-horror, tal era meu estranhamento diante de um lugar que não me sentia em posição de ocupar e tal era meu constrangimento perante minha teimosia em exibir-me publicamente no limite da palavra. Mais do que uma ousadia era uma infantilidade que só agora começo a poder perdoar.

Este exercício de vulnerabilidade explícita em seu reiterado despudor e esta nudez levemente encoberta de alguém em apuros com o extremo da palavra deixaram-me

---

<sup>1</sup> Refiro-me à Associação Psicanalítica Tempo Freudiano, para a qual trabalho como tradutora-intérprete.

continuamente a um fio de uma lágrima que jamais cessou de me inundar. E, sem que eu pudesse perceber com muita clareza, esta lágrima todo-pranto foi sorrateiramente me alagando, sulcando trilhas, ganhando riachos. Umedeceu-me a paisagem e deu nova conformação a minha passagem.

Agora eu era alguém em seu estado mais bruto galgando espaços no não-desbastado da palavra. Alguém a conhecer que não havia acumulado humanamente aquela largueza fundamental para sequer aspirar a fazer o improvável um com a fala do outro. Mas que teria que encenar uma voz que com a primeira se entrelaçasse, guardando uma proximidade que beirasse o literal<sup>2</sup> com aquilo que, por definição, foge na letra: a letra.

Embora estejamos todos fadados a falar sempre a língua do outro e a mimetizar uma unidade fictícia, passava a me encontrar na situação singular de duplicar esta miragem<sup>3</sup>, buscando trazer isto que é fugidio na letra de uma língua para aquilo que diferentemente escapa na outra.

Poucas escolhas são tão graves de consequência para o sujeito quanto o propósito de se mover por entre signos do desconhecido de línguas em construção e de fazer deste ato um ofício. Trabalho já de início destinado a falhar. Trabalho cuja pertinência reside na sustentação mesmo da falta.

Uma falta sem notas de rodapé que possa se explicar. Ao menos para dizer que falta...Uma falta<sup>4</sup> que não pode ser traduzida senão como falta ali. Ao vivo e a cores.

E como lidar com esta falta-a-ser sem a condescendência de um olhar que, ao reconhecer o que falha, no mesmo ímpeto, reclame para si o alvo de um endereçamento? Condição de sujeito destinado a significar, assumindo o risco de deixar-se levar pela corredeira de significantes, submetendo-se a este atravessamento, acreditando que alguma

---

<sup>2</sup> “Literal” é compreendido, aqui, como *jogo da letra* que procura criar na língua de chegada uma cadeia significativa que estabeleça efeitos de sentido e ressonâncias com o texto da língua de partida. Não se trata absolutamente de pensá-lo como “relação direta, termo-a-termo entre linguagem, pensamento e mundo” (Orlandi, 1996) nem de subsumir ao imaginário segundo o qual o tradutor seria o guardião de uma “fidelidade possível”.

<sup>3</sup> No campo das práticas discursivas, a tradução é certamente um dos lugares privilegiados onde o caráter do não-idêntico a si, próprio a toda língua, está sempre em questão. Como sustenta Milner (1978: 20), “[...] uma língua só se concebe claramente na isotopia absoluta: de qualquer ponto que a considerássemos, ela deveria oferecer uma mesma fisionomia. Mas não é isso que confirmam os dados mais simples: sempre na série dos lugares homogêneos, algumas singularidades se salientam”.

<sup>4</sup> Não há aqui sequer a possibilidade de um imaginário de saturação da falta. Aqui a ordem da língua com seu não-saber, seus equívocos, seus atos falhos, é espetáculo que se dá a ver publicamente.

coisa poderá se produzir de radical, diria, até, de sublime neste jogo do erótico, também na palavra, que é o de perder-se para encontrar-se outro<sup>5</sup>.

Há algo neste processo de significância que rasga. Dilacera certezas. Descristaliza saberes petrificados. Destrói posturas orgulhosas. E curiosamente constrói um amor todo próprio. Faz ver ao sujeito que pesponta que o intervalo<sup>6</sup> é igualmente vivaz. E que se ele não se afogar, por inteiro, nos *deslizes* que comete, compreendendo que estes, menos que erros, são deslocamentos constitutivos da prática de produção de sentidos; se conseguir com bravura suportar em público aquilo que vacila — a língua em seu real<sup>7</sup> — provavelmente estará acedendo, pela posição enunciativa que ocupa, a uma ética tradutória Outra<sup>8</sup>.

Por outro lado, nem só da falta se vive esta prática. Há algo mais que difere nesta movência do significante. Um excesso que *excede*. Que fala demais. Que explode. Que se infiltra onde não podia. Que é derramado onde deveria ser conciso. Que pediria uma sutura maior dos significados. Que exigiria alguém mais sóbrio, mais reservado na sua relação com o sentido do que tenho podido ser.

Com efeito (e que efeito!), observo que neste gesto, agora de deslizamento consentido, no qual me inscrevo como sujeito desta modalidade de discurso, uma voz muito particular toma corpo, num terreno muito oscilante entre a necessidade quase imperiosa de não-interpretar<sup>9</sup> para traduzir e a impossibilidade de fazê-lo totalmente. Desta voz muito

<sup>5</sup> “O erotismo [...] é a meus olhos o desequilíbrio no qual o ser coloca a si próprio em questão, conscientemente. Num sentido, o ser se perde objetivamente, mas então o sujeito se identifica com o objeto que se perde. Se for necessário, posso dizer, no erotismo: EU me perco. Provavelmente isso não é uma situação privilegiada. Mas a perda voluntária implicada no erotismo é flagrante: ninguém pode disso duvidar”. (Bataille, 1957: 37)

<sup>6</sup> “[...] o silêncio é fundante (não há sentido sem silêncio) e esta incompletude é função do fato de que a linguagem é categorização dos sentidos do silêncio, modo de procurar domesticá-los. O silêncio é sentido contínuo, indistinto, horizonte possível de significação. A linguagem, mesmo em sua vocação à unicidade, à discrição, ao completo, não tem como suturar o possível, porque não tem como não conviver com a falta, não tem como não trabalhar (com) o silêncio” (Orlandi, 1996: 11, 12)”

<sup>7</sup> Encontramo-nos aqui na dimensão da *alíngua*, registro lacaniano que consagra toda língua ao equívoco. Retomando Lacan, Milner (1978: 29) afirma: “Desde então, a tese de que a língua suporta a alíngua enquanto não-toda se deixa traduzir por: *a língua suporta o real da alíngua*”.

<sup>8</sup> Como afirma Mittmann (1999: 229), na esteira de Authier-Revuz, “o outro se refere à presença de um outro sujeito enunciativo exterior trazido para dentro do discurso, identificável através das formas mostradas da heterogeneidade. O Outro se refere ao interdiscurso funcionando como pré-construído, numa forma de heterogeneidade constitutiva não identificável no discurso”.

<sup>9</sup> Se, por um lado, para significar, o sujeito não pode se abster de interpretar, não havendo possibilidade de significação sem interpretação; por outro, a prática discursiva do tradutor-intérprete — por sua imediatez, por se instalar no súbito de um discurso do outro que definitivamente desconhece, mas a que tem que dar

pouco se fica sabendo de imediato. Artesanato de fios soltos, mal alinhados, de uma textura fina que vai se costurando ao longo de sua plural enunciação.

Em cena<sup>10</sup>, dois sujeitos com falas em maior ou menor escala dissonantes, cada um falando não a sua, mas as inumeráveis línguas que o recortam. E uma língua de chegada — híbrida não apenas dos dois, de suas histórias e de suas línguas, mas deste coral de vozes<sup>11</sup> que canta na língua de cada um.

Assim descrito, este horizonte discursivo não diferiria muito de um diálogo (bilíngüe) qualquer. O que talvez seja próprio à tradução seja a obrigatoriedade de um efeito de repetição que, sem a ilusão do mesmo, tem que buscar aderência na letra do outro e, mais ainda, tem que colar em seu desejo para se pronunciar<sup>12</sup>.

Para que funcione, é preciso desejar junto. Não igual, mas junto. No caso singular e quase *dramático* da tradução consecutiva lacaniana — digo dramático por esta se apresentar como um drama, instância onde a mediação pode ter lugar —, é fundamental ter o mesmo desejo pela letra, pelo enredamento do sujeito nas teias da palavra. O mesmo desejo de escuta e de escrita.

Ainda que oralizada, nesta prática de tradução, tenho a nítida impressão de que em mim uma escrita se desenha. Uma escrita que não é exatamente da lógica dos temas tratados e sim de uma ordem que perpassa, que faz furo, que é fisgada da fugacidade.

---

respostas em outra língua não menos súbitas e imediatas — coloca-o na dimensão de um certo inelaborado de um discurso em construção.

Diferentemente do analista do discurso que não se situa “nem acima, nem além do discurso, ou da história, mas deslocado” (Orlandi, 1996: 85), a condição necessária dessa prática é a da não-distância, é a da produção “impensada” de sentidos. Nunca é demais ressaltar que esta produção, por seu caráter de imprevisibilidade, é ainda mais irremediavelmente determinada pelo dispositivo ideológico e pelo efeito das atribuições de lugar de si, do outro, das línguas em questão e do ato de traduzir.

<sup>10</sup> Espaço constituído por um efeito de presença duplicado no qual a dinâmica de cada corpo com sua voz, tom, inflexão, gestualidade — sua forma singular de encorpar a língua — coloca em funcionamento um jogo de cena.

<sup>11</sup> “A heterogeneidade do discurso da tradução se deve, portanto, não só ao fato que está ali presente a voz do autor, além da voz do tradutor, mas porque qualquer discurso é constitutivamente heterogêneo. Sempre outras vozes o atravessam como um discurso transversal e lhe dão sustentação como um pré-construído” (Mittmann, 1999: 227, 228).

<sup>12</sup> Abandonadas as ilusões de literalidade e de fidelidade ao original, instalada a falta irremediavelmente inscrita no significante, instaura-se o desejo e a busca. A busca, agora, de uma palavra cuja impossibilidade de saturação venha pôr em movimento aquilo que na ordem da língua faz sujeito e, portanto, faz sentido.

Uma tinta que se escreve<sup>13</sup> numa outra margem mais originária, mais visceral. A escrita de um indizível que aponta para o que eu chamaria de uma língua do sentido. Daquilo que no sujeito sente a sua revelia. E, porque sente, faz *sentido*.

Apesar do caráter frontalmente deceptivo da (existência na) palavra, há qualquer coisa de essencial que resta. Um lapso especial em que uma lasca do sujeito parece ir a seu encontro, um resíduo que acolhe a diferença não para suplantá-la, mas para fazer dela um constante apelo.

Por alguém que nunca virá, de certo. Por algo que, se chegar a acontecer, já não será o mesmo do desejo. Por uma palavra que venha momentaneamente calar a dor. Que venha, uma vez que seja, afirmar que neste vão de impossibilidades um trabalho de humanidade se faz. Grandioso.

Não conheço lugar mais acolhedor, e nem por isto menos desconfortável, para a palavra do que o úmido. Aquele lugar do feminino no homem que vem, de quando em quando, afagar-lhe a condição de pessoa, dando-lhe coragem para continuar a busca e elasticidade para continuar desejante.

Poucos gestos suscitaram tanto meu querer — pela aposta, pela confiança, pela generosidade — quanto aquela palavra que inaugurava em mim alguém que jamais teria imaginado ser. E agora — e só agora — passadas as primeiras crises e elaboradas algumas de minhas insistentes reticências, posso tomar a palavra para brindar com vocês a chegada desse acontecimento, anunciando em meu próprio nome: a tradutora chegou.

---

<sup>13</sup> A prática discursiva *escreve*. Deixa traços, marcas de sua inscrição. Assujeita, mas também faz irromper o sujeito. Como efeito.

### Referências bibliográficas

BATAILLE, Georges (1957) *L'Érotisme*. Paris: Minuit.

LACAN, Jacques (1966) *Écrits I*. Paris: Seuil.

MILNER, Jean-Claude (1978) *L'amour de la langue*. Paris: Seuil.

MITTMANN, Solange (1999) “Heterogeneidade e função do tradutor”. *Cadernos de tradução* 4, pp. 221-237.

\_\_\_\_ (2003) *Notas do tradutor e processo tradutório: análise e reflexão sob uma perspectiva discursiva*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

ORLANDI, Eni P. (1996) *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes.